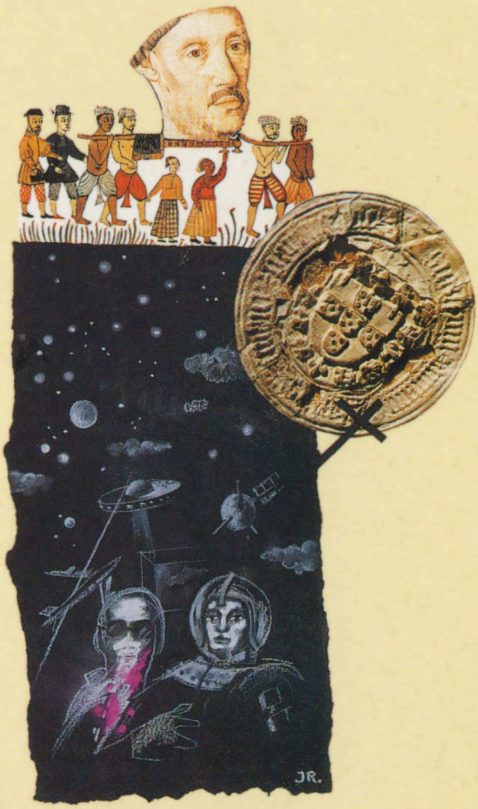
António Rebordão Navarro

SONHO, PAIXÃO, MISTÉRIO DO INFANTE D. HENRIQUE

seguido de

O SER SEPULTO



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

VLFL0170000 14
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

SONHO, PAIXÃO, MISTÉRIO DO INFANTE D. HENRIQUE

seguido de

O SER SEPULTO

Teatro

Nota introdutória de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1995

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação
Navarro, António Rebordão, 1933 -
Sonho, paixão, mistério do Infante
D. Henrique; seguido de O ser sepulto
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1210-X
CDU 821.134.3-2"19"

Publicações Dom Quixote, Lda.
Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º
1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© António Rebordão Navarro, Sociedade Portuguesa de Autores, 1994

Ilustração da Capa: José Rodrigues

1.ª edição: Março de 1995
Depósito Legal n.º 86729/95
Fotocomposição: Alfabeto – Publicações e Artes Gráficas, Lda.
Impressão e Acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1210-X

JOGOS DE TEMPOS

Autor de uma obra vasta e relevante nos domínios do romance e da poesia – esta há pouco reunida em volume a que chamou *A Condição Reflexa*, aquela documentada por títulos como *Um Infinito Silêncio*, de 1970, ou o mais recente *As Portas do Cerco* –, António Rebordão Navarro também cedeu, como tantos dos nossos escritores, e dos melhores, de Camões a Saramago, à tentação do teatro. A sua primeira peça, em um acto, *O Ser Sepulto*, foi publicada em 1972, juntamente com textos de Arrabal e Brecht, autores pelos quais se definiam, então, as duas linhas de força da dramaturgia mundial, repartida entre um teatro dito «do absurdo» e um teatro de tipo narrativo dito «épico». Curiosamente, embora sem qualquer dependência de escola ou submissão a uma receita pré-estabelecida, é na órbita de cada uma dessas tendências que giram as duas peças que, separadas embora por mais de vinte anos, este livro congrega. Há vestígios de teatro do absurdo n'*O Ser Sepulto*; há reminiscências de teatro épico, na sua vertente didáctica, na alegoria elaborada em torno da aventura protagonizada pelo Infante D. Henrique. E no entanto, creio haver entre elas, ou subjacente a elas, para além da diversidade dos códigos estilísticos, um denominador comum.

Julgo não me enganar situando esse denominador comum no tratamento a que o autor submete, em ambos estes textos, um dos factores essenciais da acção dramática (e da construção da fábula,

do quarto 10» permanece, de facto, insepulto na memória dos dois protagonistas deste breve acto único). É isto evidente desde a rubrica inicial, que nos diz situar-se a acção (actual) numa «pensão antiquada», e que as duas personagens principais se vestem «como no princípio do século», em «contraste flagrante» com as outras, que «vestem à época». Mais: quando aquelas falam do passado, não só «como que rejuvenescem» como as suas vozes se tornam «vibrantes» e a iluminação se torna «muito intensa, quase cruel». O presente é para elas um passado que se eternizou e em que continuam a habitar: o Criado, que diz ter 35 anos, dirá mais adiante que está na pensão «há cinquenta, feitos no mês passado», tal como a Dona da pensão se agarra desesperadamente aos destroços de uma vida que para ambos acabou e que boiam nas águas turvas da memória. E o hóspede do quarto 10 continua a dormir no quarto onde há muitos anos morreu. «Somos tão pobres do tempo!», exclama a Dona da Pensão. Mas é a memória do tempo que, embora cada vez mais diluída, retida apenas pelas palavras, que ainda as mantém vivas, provisoriamente, num tempo que já não é o deles.

Variações sobre o tempo, eis portanto o tema comum às duas peças de Rebordão Navarro. Que a situação dramatizada numa delas seja uma situação absurda, e que a outra tenha implícita uma intenção didáctica, e por aí se reportem a categorias dramáticas distintas, eis o que não afecta a intrínseca unidade que as aproxima e que nestas breves considerações procurei definir. Acrescentarei apenas que o tempo decorrido sobre a mais antiga não lhe retirou uma só partícula da sua força e do seu interesse dramático; e que vaticino à segunda, escrita por ocasião do sexto centenário do nascimento do Infante D. Henrique, já que não foi então representada como seria lógico, vir a sê-lo, pelo menos, aquando do sétimo centenário...

Luiz Francisco Rebello